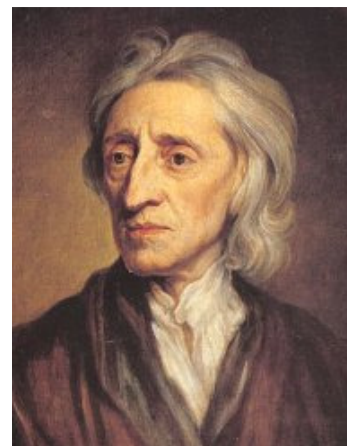


# Qualidades Primárias e Secundárias; Experimento Mental dos Qualia Invertidos

John Locke (1632-1704)

Trechos selecionados do *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1690), coordenação da tradução de Eduardo Abranches de Soveral, 2 vols., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999, pp. 156-61, 518-9. Original em inglês, *An Essay concerning Humane Understanding*, está disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/10615>

Selecionado para a disciplina TCFC3: Filosofia das Ciências Neurais, prof. Osvaldo Pessoa Jr., FFLCH, USP, 2013.



## Livro II, Cap. VIII

### 7. Ideias na mente, qualidades nos corpos

Para melhor descobrir a natureza das nossas ideias e discorrer inteligivelmente acerca delas, será conveniente distingui-las *enquanto são ideias ou percepções na nossa mente e enquanto são modificações da matéria nos corpos que causam em nós essas percepções*. É preciso distinguir exatamente estas duas coisas para que não pensemos (como habitualmente se faz) que as ideias são exatamente as imagens e semelhanças de algo inerente ao objeto que as produz, porque a maioria das ideias de sensação não são mais a cópia na nossa mente de algo existente fora de nós, do que os nomes que as significam são uma cópia das nossas ideias, ainda que esses nomes não deixem de as suscitar em nós, quando os ouvimos pronunciar.

### 8. Nossas ideias e as qualidades dos corpos

Chamo *ideia* a tudo aquilo que a mente percebe *em si mesma*, tudo o que é objeto imediato de percepção, de pensamento ou de entendimento; e à potência de produzir qualquer ideia na nossa mente, chamo *qualidade* do objeto em que reside essa capacidade. Assim, uma bola de neve tem a potência de produzir em nós as ideias de branco, frio e redondo; e essas potências de produzir em nós essas ideias, enquanto estão na bola de neve, chamo-as qualidades; enquanto são sensações ou percepções no

nosso entendimento, chamo-as ideias. Se algumas vezes falo dessas *ideias* como se elas estivessem nas próprias coisas, deve-se partir do princípio de que eu pretendo com isso significar as qualidades que se encontram nos objetos que produzem em nós essas ideias.

### 9. Qualidades primárias dos corpos

Posto isto, deve-se distinguir nos corpos duas espécies de qualidades. *Em primeiro lugar*, aquelas inteiramente inseparáveis do corpo, qualquer que seja o estado em que se encontre, de modo que ele as conserva sempre em todas as alterações e mudanças que sofra, por maior que seja a força que possa exercer-se sobre ele. Estas qualidades são de tal natureza que os nossos sentidos as encontram constantemente em cada partícula de matéria com grandeza suficiente para ser percebida e a mente considera-as inseparáveis de cada partícula de matéria, mesmo que seja demasiado pequena para que os nossos sentidos a possam perceber individualmente. Por exemplo: tomai um grão de trigo e dividi-o em duas partes; cada parte possui ainda solidez, extensão, figura e mobilidade; dividi-o uma vez mais e as partes ainda conservam as mesmas qualidades; e se continuas a dividi-lo até que as partes se tornem insensíveis, nenhuma delas perderá jamais qualquer dessas qualidades. Porque a divisão (que é tudo quanto um moinho ou um triturador ou qualquer outro corpo faz a outro, quando o reduz a partes insensíveis) não pode nunca

suprimir num corpo a solidez, a extensão, a figura e a mobilidade, mas unicamente faz, daquilo que antes era apenas uma, várias massas de matéria distintas e separáveis; todas essas massas de matérias, consideradas a partir desse momento como tantos corpos distintos, constituem um certo número determinado, uma vez acabada a divisão. A essas qualidades chamo *qualidades originais e primárias* de um corpo, as quais, a meu ver, podemos considerar causas produtoras das nossas ideias simples de solidez, extensão, figura, movimento ou repouso e número.

### **10. Qualidades secundárias dos corpos**

Há, *em segundo lugar*, qualidades tais que, nos próprios corpos, não são mais do que potências para produzir em nós várias sensações por meio das suas qualidades primárias, isto é, pelo volume, pela figura, pela textura e movimento das suas partes insensíveis. Tais são as cores, os sons, os paladares, etc. A estas dou o nome de *qualidades secundárias*, às quais se poderia acrescentar uma *terceira* espécie que todos admitem não serem mais do que potências, ainda que sejam qualidades tão reais no objeto como as que eu, acomodando-me à terminologia habitual chamo qualidades, mas a que chamo qualidades secundárias para as distinguir das que existem realmente nos corpos e não podem deles ser separados. Porque, por exemplo, a potência que existe no fogo para produzir, por meio das suas qualidades primárias, uma nova cor ou uma nova consistência na *cera* ou no *barro* é tanto uma qualidade no fogo como a potência que ele possui para produzir em *mim*, pelas mesmas qualidades primárias, isto é, pelo volume, pela textura e pelo movimento das suas partes insensíveis, uma nova ideia ou sensação de calor ou de queimadura que eu antes não sentia.

### **11. Como os corpos produzem ideias em nós**

A próxima coisa a considerar é o modo como os corpos produzem ideias em nós e, manifestamente, o único modo que podemos conceber que atuem os corpos é por impulsão.

### **12. Por meio de movimentos, externos, em nosso organismo**

Se, portanto, os objetos exteriores não se unem à nossa mente quando nela produzem ideias, e, no entanto, percebemos essas qualidades originais daqueles objetos que individualmente caem sob o alcance dos nossos sentidos, é evidente que haverá algum movimento nesses objetos que, afetando algumas partes do nosso corpo, se prolongue por meio dos nossos nervos ou dos espíritos animais até ao cérebro ou sede da sensação para aí produzir na nossa mente as ideias particulares que temos acerca dos ditos objetos. E, posto que a extensão, a figura, o número e o movimento de corpos de grandeza observável podem ser percebidos à distância por meio da vista, é evidente que alguns corpos individualmente imperceptíveis devem vir do objeto que nós olhamos aos olhos, e desse modo comunicam ao cérebro algum movimento que produz essas ideias que temos em nós acerca de tais objetos.

### **13. Como qualidades secundárias produzem suas ideias**

Podemos conceber, pelo mesmo meio, como se produzem em nós as ideias das qualidades *secundárias*, quer dizer, pela ação de partículas insensíveis sobre os nossos sentidos. Porque é manifesto que há corpos, e corpos em grande quantidade, cada um dos quais é tão pequeno que não podemos descobrir pelos nossos sentidos nem o seu volume, nem a sua figura, nem o seu movimento – como é evidente no caso das partículas do ar e da água e no caso de outros muitíssimo mais pequenas do que essas; e que talvez sejam muito mais pequenas em relação às partículas do ar e da água do que estas em comparação com ervilhas ou pedras de granizo. Suponhamos agora que os diferentes movimentos e figuras, volume e número de tais partículas, ao afetar os diversos órgãos dos nossos sentidos, produzem em nós essas diferentes sensações que nos causam as cores e os odores dos corpos; que a violeta, por exemplo, por meio da impulsão de tais partículas insensíveis de matéria, de figura e

volume particulares e em diferentes graus e modificações dos seus movimentos faça que as ideias da cor azul e do doce aroma dessa flor sejam produzidas na nossa mente. Porque não é mais difícil conceber que Deus tenha unido tais ideias a tais movimentos com os quais não têm nenhuma semelhança do que conceber que Ele tenha unido a ideia de dor ao movimento de um pedaço de aço que divide a nossa carne, movimento em relação ao qual essa ideia de dor em nada se assemelha.

#### **14. Elas dependem das qualidades primárias**

Tudo o que acabo de dizer em relação às cores e aos odores pode aplicar-se também aos paladares, sons e demais qualidades sensíveis semelhantes, as quais, seja qual for a realidade que equivocadamente lhes atribuímos, não são, em verdade, nos objetos, senão potências para produzir em nós sensações e dependem daquelas qualidades primárias que são, como disse, o volume, a figura, a textura e o movimento das suas partes.

#### **15. Ideias de qualidades primárias são semelhanças; de secundárias não**

De onde, creio, é fácil tirar esta conclusão: as ideias das qualidades primárias dos corpos são semelhanças das ditas qualidades e os seus padrões existem realmente nos próprios corpos; mas as ideias causadas em nós pelas qualidades secundárias em nada se lhes assemelham. Nada existe nos corpos que seja conforme com estas ideias. Nos corpos a que damos certas denominações em conformidade com essas ideias, há apenas uma potência de produzir em nós essas sensações; e o que na ideia é doce, azul ou quente, não é, nos corpos que assim denominamos, nada mais que certo volume, figura e movimento das partes insensíveis que os constituem.

#### **16. Exemplos**

Assim, dizemos que a chama é quente e luminosa, a neve branca e fria, o maná branco e doce, em virtude das ideias que produzem em nós. Pensa-se comumente que estas qualidades são, nesses corpos, o mesmo que

essas ideias que estão em nós, havendo uma perfeita semelhança entre umas e outras, como entre um corpo e a sua imagem refletida num espelho. E quem disser o contrário passará por extravagante para a maior parte dos homens. No entanto, quem considerar que o mesmo fogo que a certa distância produz sensação de calor, causa em nós, se nos aproximamos mais, uma sensação bem diferente, isto é, a de dor; quem, digo, refletir sobre isto, deverá perguntar-se a si próprio qual a razão que o leva a afirmar que a sua ideia de calor, nele produzida pelo fogo, *está realmente no fogo*, e que a sua ideia de dor, do mesmo modo causada pelo fogo, *não* está no fogo. Por que razão a brancura e a frieza hão de estar na neve e a dor não, já que ela produz em nós todas essas ideias, o que só pode fazer por meio do volume, da figura, do número e do movimento das suas partes sólidas?

#### **17. Só as ideias das primárias realmente existem**

O volume, o número, a figura e o movimento particulares das partes do fogo ou da neve estão realmente nesses corpos, sejam ou não percebidos pelos sentidos de alguém e, por isso, podem ser chamados qualidades *reais*, porque realmente existem nesses corpos. Mas a luz, o calor, a brancura ou a frieza não estão mais realmente nesses corpos do que a doença ou a dor no maná. Suprima-se a sensação dessas qualidades, faça-se com que os olhos não vejam a luz ou as cores, com que os ouvidos não ouçam sons, com que o paladar não saboreie, o olfato não cheire; e então todas as cores, sabores e sons, *enquanto são tais ideias particulares*, desvanecer-se-ão e cessarão de existir, para ficarem reduzidas às suas causas, quer dizer, ao volume, à figura e ao movimento das partes dos corpos.

## Livro II, Cap. XXXII

### 15. Apesar de a ideia de azul de um homem poder ser diferente da de outro

Nem traria qualquer imputação de falsidade para as nossas ideias simples se, através da diferente estrutura dos nossos órgãos, estivesse ordenado que *o mesmo objeto devesse produzir ideias diferentes nas mentes de diversos homens* em simultâneo, por exemplo, se a ideia que uma violeta produziu na mente de um homem, através dos seus olhos, fosse a mesma que uma calêndula [amarela] produziu num outro homem e vice-versa. Porque, uma vez que isto nunca poderia ser conhecido, porque a mente de um homem não pode passar para o corpo de um outro de forma a entender as imagens que foram produzidas por esses órgãos, nem as ideias destas, nem os nomes, seriam confundidos, nem existiria qualquer falsidade em nenhuma das ideias. Visto que todas as coisas que tenham a textura de uma violeta causam constantemente a ideia a que alguém chama azul, e as que têm a textura de uma calêndula

causam constantemente a ideia a que ele insiste chamar amarelo, quaisquer que sejam as imagens que estejam na sua mente, será tão capaz de distinguir regularmente as coisas através do uso dessas imagens e perceberá e assinalará essas distinções marcadas pelos nomes azul e amarelo, como se as imagens ou ideias dessas duas flores recebidas na sua mente fossem exatamente as mesmas em relação às ideias nas mentes de outros homens. Contudo, inclino-me bastante para pensar que as ideias sensíveis causadas por um qualquer objeto nas mentes de diferentes homens são, na maioria dos casos, muito próximas e indistintamente semelhantes. Para esta opinião penso que se poderá apresentar muitas razões, mas como isto está para além do meu presente objetivo, não perturbarei o meu leitor com elas, mas peço-lhe que considere que a suposição contrária, se pudesse ser provada, seria muito pouco útil tanto para o desenvolvimento do nosso conhecimento como para a utilidade na vida; por isso, não necessitamos de nos preocupar com a sua análise.

